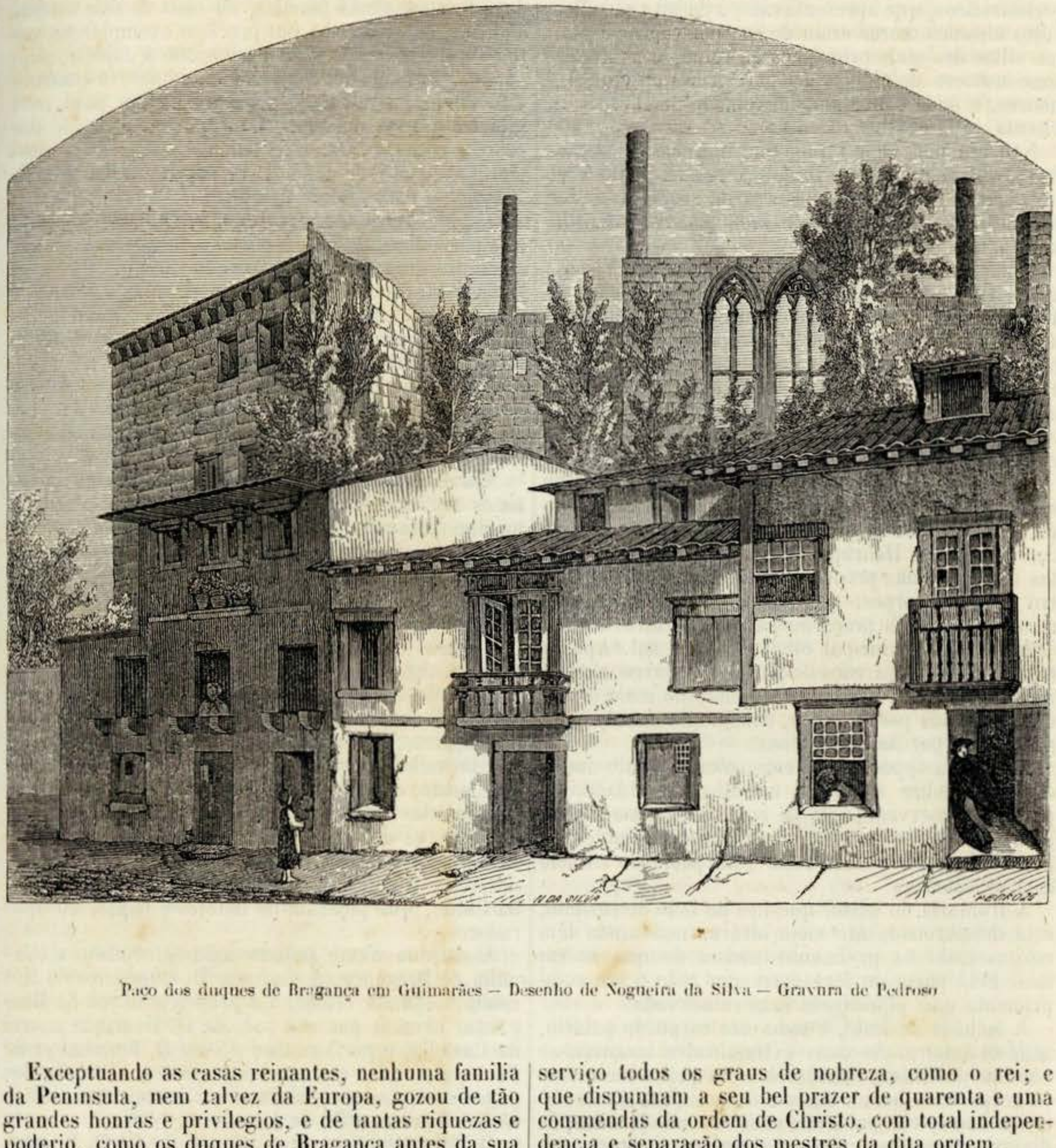


Paço dos duques de Bragança em Guimarães — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Exceptuando as casas reinantes, nenhuma familia da Peninsula, nem talvez da Europa, gozou de tão grandes honras e privilegios, e de tantas riquezas e poderio, como os duques de Bragança antes da sua exaltação ao throno.

Para lustre da sua nobreza bastava-lhes, além de varias allianças reaes, ter por progenitores um rei como foi D. João I, instrumento da liberdade de Portugal quando a sua independencia mais perigava, e sempre favorecido da victoria e das sympathias populares; e um heroe como D. Nuno Alvares Pereira, que logrou associar em si a gloria das armas e a veneração de predestinado.

Entre os seus numerosos titulos honorificos tiveram os de duques de Bragança, de Barcellos, e de Guimarães; os de marquezes de Valença, de Villa-Viçosa, e de Montemór; e os de condes de Barcellos, de Ourem, d'Arraiolos, de Faro, de Neiva e Faria, e de Penafiel.

Se especialisassemos todos os seus privilegios, regalias e immunidades, formariamos um longo catalogo. Bastará dizer, que conferiam ás pessoas do seu serviço todos os graus de nobreza, como o rei; e que dispunham a seu bel prazer de quarenta e uma commendas da ordem de Christo, com total independencia e separação dos mestres da dita ordem.

Eram immensas as suas riquezas em joias e baixellas de oiro e prata, tão preciosas pelo seu valor intrinseco, como pelos primores d'arte que ostentavam. Os seus rendimentos eram taes que não só chegavam para sustentar o fausto d'esta grande casa, em cujo serviço se empregavam uns quinhentos familiares, mas ainda sobravam para muitas acções generosas, para infinitos actos de caridade e de piedade, para numerosas fundações religiosas, e para os importantes soccorros militares, que os duques de Bragança por vezes prestaram a este reino nas guerras d'Africa. Para se julgar da importancia d'estes soccorros, diremos que o duque D. Fernando I, quando passou á Africa com el-rei D. Affonso V, levou dois mil infantes e setecentos homens de cavallo, todos vassallos seus, armados e sustentados á sua custa; e o duque D. Jaime, quando foi á conquista de Azamor, na Africa, em tempo del-rei D. Manuel,

que lhe commetteu o commando da armada, levou, egualmente á sua custa, e tirados d'entre os seus vassallos, quatro mil soldados de infanteria, e quinhentos de cavallaria.

O seu poderio, em fim, estendia-se a mais de quinhentos officios rendosos, de justiça e de fazenda, que nomeavam; a cento e sessenta e tantos beneficios ecclesiasticos, que apresentavam; a dezoito castellos, cujos alcaides móres eram de sua nomeação; a muitas villas das mais principaes do reino, e avultadissimo numero de aldeias e logares, de que eram senhores, e onde contavam, no reinado de D. João II, oitenta mil vassallos.

Não era pois sem razão, que um nosso escriptor dizia, que os duques de Bragança possuiam um terço de Portugal. Um auctor francez do seculo XVII chama ao duque de Bragança *o mais poderoso vassallo da Europa*.

Quem conhecer o palacio ducal de Villa Viçosa; quem se lembrar dos paços arruinados da casa de Bragança em Lisboa, antes do incendio que em 1841 acabou de destruir o que o terremoto de 1755 lhes havia poupado; quem, finalmente, tiver visto os restos do palacio bragantino de Guimarães, além de outros muitos que esta familia possuia, poderá ajuizar com facilidade de toda essa grandeza e opulencia de que apenas traçámos um ligeiro esboço.

Os paços de Guimarães estão situados quasi no extremo occidental da cidade, em terreno um pouco elevado, e proximo do venerando castello onde nasceu D. Affonso Henriques. Era um edificio de vastas e agigantadas proporções. Compunha-se de quatro grandes corpos, que formavam um quadrado, com uma extensa praça ou pateo no centro.

A frontaria principal olhava para o sul. Apenas restam d'ella as paredes do pavimento terreo, actualmente cobertas de telhados, e tendo no meio o portal da entrada para o pateo, debaixo de um alpendre sustentado por duas columnas.

A fachada opposta, que está voltada para o norte, descança sobre a antiga muralha da cidade. As paredes conservam-se de pé em quasi toda a sua altura; não assim as da frente d'este mesmo corpo para o lado do pateo. Toda esta parte do edificio está descoberta.

A frontaria do oeste, que fica do lado do castello, está desmoronada até meia altura, mas ainda tem muitas casas no pavimento inferior de que se faz uso. Pela parte de fóra corre por todo o seu comprimento uma alpendrada bem conservada.

A fachada de léste, e todo este corpo do palacio, acha-se inteiro. As duas extremidades levantam-se em dois pavilhões, ficando no meio d'elles um extenso corpo mais baixo. Apesar da grandeza d'esta fachada não se contam n'ella mais de trinta janellas, de diversos tamanhos, dispostas em tres e quatro andares, e com grandes intervallos de parede entre si.

Este lado do palacio apresenta o vulto de um dos quarteirões da rua Augusta. Serve de aquartelamento, e tem capacidade para accommodar um grande regimento. Tem vastas salas, sem vestigio algum de decorações, e nas extremidades duas escadas de caracol, bem fabricadas, que conduzem aos telhados, e que outr'ora davam saida para espaçosos terrados.

A frontaria do norte, que na estampa junta se vê representada, cáe sobre terreno montuoso e arborisado, que era uma pequena cêrca do paço. Depois que este se arruinou, foram-se construindo em volta da cêrca, por onde corria o seu muro, varias casas de mesquinha apparencia, que na estampa occupam o primeiro plano.

Compõe-se aquella frontaria de tres corpos salientes, unidos por dois corpos reintrantes. Os das extremidades tinham por coroa uma larga varanda, sustentada por grandes cachorros de pedra. D'estas varandas só existe uma, com as portas que davam saida para ella. Da outra não restam mais que os cachorros.

As paredes d'estes dois corpos e as dos dois reintrantes são abertas em janellas sem ornato algum. Porém o corpo central é quasi todo occupado por duas formosissimas janellas, de mais de sete metros d'altura, as quaes são um precioso exemplar do gothico puro. Estas janellas pertenciam á capella, cujo portico, formado de delgadas columnas, e guarnecido de lindos silvados, deitava outr'ora para uma sala ou galeria do andar nobre, e ao presente cáe sobre o pateo, pois que a fachada d'este lado se desmoronou quasi de todo. Esta capella tinha dimensões como uma grande egreja.

O que parece serem columnas, campeando sobre esta parte do edificio, e dispostas symetricamente, são chaminés muito bem fabricadas de tijolo.

Encostam-se a esta fachada algumas arvores, e pelas paredes trepam heras que vão engrinaldar as janellas, augmentando com os seus verdores o effeito pittoresco d'estas bellas ruinas.

O fundador d'estes paços foi D. Affonso, I duque de Bragança, filho legitimado del-rei D. João I. Não chegou porém a concluil-os. Esta tarefa coube a seu filho o duque D. Fernando I.

Não ostentava este palacio especie alguma de ornatos architectonicos, se exceptuarmos o portico e janellas da capella. Todavia offerecia um aspecto grandioso palas suas proporções colossaes. O luxo da edificação, que tambem lhe faltava no interior, era substituido, sem duvida, pela riqueza e profusão das tapeçarias e alfaias. Tal era o uso no antigo paço dos nossos reis, e nas residencias dos seus mais poderosos vassallos. Além d'isso sabemos, que a magnificencia do palacio de Villa Viçosa, que causou admiração a varios principes, e outros personagens estrangeiros, que n'elle foram hospedados, consistia nos brocados e veludos bordados e franjados de oiro e prata, e guadamecins doirados, que vestiam as paredes das salas, que occultavam as portas, que ornavam os doceis, os leitos, e as mesas; nas alcatifas da Persia, que cobriam o pavimento; e em fim nos vasos e outras peças de oiro, prata, e porcelana da China, que pejavam os bofetes e copas, ou aparadores.

Assistiram n'este palacio muitos membros da familia de Bragança. A duqueza D. Constança de Noronha, segunda mulher do primeiro duque de Bragança, e neta, por seu pae, de D. Henrique II, rei de Castella, e por sua mãe del-rei D. Fernando I de Portugal, assim que enviuvou passou a residir nos paços de Guimarães, onde viveu bastantes annos, e n'elles falleceu a 26 de Janeiro de 1480.

O ultimo principe que alli residiu foi D. Duarte, duque de Guimarães, irmão da duqueza de Bragança D. Catharina, e filho do infante D. Duarte, e da infanta D. Isabel; aquelle filho del-rei D. Manuel, e esta filha de D. Jaime, IV duque de Bragança.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O TIO PEDRO

I

Ha um cantinho da França d'onde nunca saí sem dizer commigo: quanto não seria feliz se podesse viver aqui sempre! É na costa da Normandia entre Honfleur e Trouville, em Villerville de riba-mar.

Atraz d'esta formosa aldeia, muitas collinas, pomposamente arborisadas, correm em alcantís e que-

bradas sonorosas para a bahia do Sena, que se abre e estende n'esta paragem até aos mais longinquos horisontes da immensidade.

Ora rochedos escarpados, ora dunas verdejantes, e em fim campos salinos, por entre cujas marnotas o gado se apascenta, e por vezes pára immovel para escutar a voz do Oceano que rebrama; tal é o espectaculo que se contempla ao pé d'esta maritima povoação.

A direita, o rio, estreitando successivamente até ao promontorio, sempre carregado de nevoa, e que parece boiar sobre as suas aguas, aguas que tem presenciado tantos acontecimentos!... a mysteriosa corrente intellectual de Paris, outra origem d'onde lhe affluem tantas idéas!

Na frente, a tres legoas de distancia, o Havre com os mastros, pharóes e fumaça da sua bahia. Superior ao Havre a deliciosa costa de Ingouville, tão bizarramente enfeitada de lilazes brancos, occultos nas arvores, que o saudoso poeta Casimiro Delavigne cantou como principal ponto de vista do mundo. A esquerda o ancoradoiro, depois o mar.

Ha perto de dez annos, deixando eu a residencia muito parisiense de Trouville, vim recolher-me a Villerville. Pela primeira vez gozei a pacifica ventura de viver alli um mez como verdadeiro aldeão e pescador.

A minha casinha, ou antes eremiterio, tinha as paredes caiadas, grossas vigas negras no tecto, e a mais rustica mobilia que se póde imaginar; por unico ornato, um S. João de cera mettido n'uma redoma de vidro, e algumas boas gravuras injuriosamente illuminadas de anil e vermelhão, paineis que invariavelmente ornam as paredes das choupanas francezas.

A janella deitava mesmo sobre os penhascos, d'onde, além do delicioso panorama da bahia, em cada baixa-mar gozava eu do espectaculo comico da pesca dos mexilhões, que diariamente vem fazer as trezentas ou quatrocentas villervillenses de barrete de algodão, em quanto os maridos, paes e irmãos, andam cruzando ao largo toda a semana nos seus barcos de pesca, a que chamam bateis, e só vem aos sabbados de tarde encalhar na praia da aldeia a sua humilde e pacifica esquadrilha.

Tudo isto é cheio de vida, pittoresco, rumoroso e festivo.

A minha patroa não condizia porém com as figuras d'este quadro. Era uma senhora comadre, alta, magra, dos seus quarenta annos, avarenta, disputadora, sempre desconfiada nas contas, e de mais a mais com um genio diabolico; n'uma palavra, era uma mulher insupportavel.

Mas como pagava adiantado e com generosidade, era eu um Deus para Cesarina. Para mim adoçava sempre a voz, e via-me com bons olhos. Apenas os meus passos repercutiam na sonora casa, vinha logo a meu encontro, perfilava a sua comprida pessoa, e desfranzia as sobrancelhas. Não deixava ella de captivar por um certo donaire que lhe dava o mantéo escarlate, e o constante barrete de algodão; sorria-se para mim como o avaro sorri para o seu thesouro. Que mais queria eu? E depois tinha dois filhos lindos: um rapaz de treze annos, e uma rapariguinha mais velha um anno que o irmão; um loiro, e o outro do suave cambiante peculiar á Normandia; grandes olhos azues cheios de ternura, e ás vezes de soberba. Só n'isto se pareciam com a senhora sua mãe.

Quanto ao dono da casa, ainda o não conhecia, porque era pescador, e como já disse, os pescadores de Villerville só ao sabbado de tarde estão na aldeia, e voltam para o mar na maré do dia seguinte. Ora eu apenas estava em casa de Cesarina desde quinta feira. Mas o domingo veiu depressa, e com elle Pedro Aubert.

II

Era um maritimo dos seus trinta e cinco annos, baixo, gordo, trigueiro, o cabello cortado rente, excepto dois longos caracóes, sobre os quaes brilhava o oiro das argolas pendentes das orelhas com uma ancora ao meio. Ar pensativo, sorriso melancolico, olhar triste, silencioso, modos timidos, mórmente na presença da terrivel senhora Aubert; a sua physionomia franca e amoravel desde logo me affeiçoou. E comtudo, afóra esta primeira vista, nenhuma circunstancia houve que me predispozesse a seu favor, pelo contrario!

Sentado ao pé da chaminé, conversava eu com Cesarina, que estava fazendo a ceia.

De repente os dois filhos da minha patroa chegaram da eschola a galope, com os livros debaixo do braço.

— Ahi vem! gritaram elles esbaforidos! Ahi vem o tio Pedro! De cima do cabedello vimos o seu batel. Lá desembarcou elle. Vamos, mãe, vamos?

— Para que? retorquiu mais asperamente que nunca Cesarina. Creio que não é tão pequeno que não possa vir só. Necessito de que vão ambos ao quintal apanhar-me os cheiros para a salada. Vão já.

A estas ultimas syllabas, mais que imperativas, as duas pobres crianças desappareceram de repente, como duas aves assustadas.

Mau!... disse eu commigo. Será acaso o meu patrão um mau pae, ou peior marido?...

Poucos minutos depois chegou elle.

Como que para corroborar esta impressão pouco lisongeira, Cesarina não foi ter com elle; não lhe apresentou nem a testa nem a mão; não se dignou acolher-lhe a volta com um sorriso.

Nada. Contentou-se com despendurar da parede uma ardosia, e com a penna na mão lhe disse seccamente:

— Quanto?

— Pedro Aubert tirou da cinta uma alentada bolça de coiro, e a dia por dia, da semana, enumerou o seu quinhão da pesca, o qual ia pondo sobre a mesa á medida que o ia contando.

N'este tempo a ávida dona da casa alinhava na ardosia os toscos algarismos. Depois sommou-os vagarosamente, e mais vagarosamente ainda verificou todo o dinheiro até ao ultimo soldo.

Por fortuna estava a conta certa.

Cesarina deitou tudo para uma gaveta, a qual fechou á chave, mettendo-a magistralmente na algibeira.

Pedro Aubert tornou a enrolar silenciosamente a bolça que despejára toda, sem hesitação, sem pezar, com a mais indifferente e natural docilidade do mundo.

— Tinha julgado mal d'elle, disse eu commigo, á vista d'esta scena caseira. Decididamente Pedro é um bom marido.

N'este momento os dois loirinhos fizeram segunda irrupção mais impetuosa que a primeira.

Quando voltaram (as duas pobres crianças haviam corrido muito), lançaram-se ao pescoço de Pedro Aubert com tal espontaneidade, alegria e ternura, que eu disse commigo baixinho:

— E é um excellente pae!

Qual não foi porém a minha admiração, quando ambas as vozes infantis podendo finalmente subir do coração aos labios bradaram:

— Bons dias, bons dias, meu tio.

Era tio? Não era marido de Cesarina?... Como irmão, ou simplesmente cunhado, tão submisso, resi-

gnado e desinteressado, pareceu-me mais notavel ainda!

Mas o que inteiramente admirei, foi o amor paternal com que Pedro afagava os dois sobrinhos! Tinha-os sobre os joelhos, sorria-lhes, abraçava-os, acarinhava-os com amor tão pathetico, que eu mesmo, julgando-me estranho a este quadro, estava commovido. Foi porém breve tão maviosa scena.

De repente, e como se lhe sangrasse alguma ferida, ou avivasse alguma recordação dolorosa, Pedro Aubert enfiou espantosamente, as lagrimas acudiram-lhe aos olhos, levantou-se, e posto que sempre carinhoso, afastou o sobrinho e a sobrinha, dizendo-lhes:

—Vão brincar para a praia, vão, meus filhos.

Dizer o que havia de pungente tristeza, e ao mesmo tempo de ternura n'estas duas palavras, seria impossivel. As duas pobres crianças, entristecidas, hesitaram um momento. Depois afastadas por um gesto quasi supplicante de seu tio, e mórmente pela mais concludente repulsa da parte da mãe, desappareceram, mas não já a correr, na direcção da praia.

— Bem se sabe que os não amaes, disse então Cesarina com mau modo; mas é inutil mostral-o tanto ás pobres crianças!

Pedro não respondeu. Fechou os olhos, e levou a mão ao coração como que para comprimir um profundissimo desgosto, ou um cruel padecimento.

Depois pegou n'uma enxada, que estava ao canto da casa, e disse:

—Vou trabalhar para o quintal. E saiu.

III

Vendo Cesarina que o pobre pescador se afastava, encolheu os hombros, e fez hediondos tregeitos.

Previ logo um drama burguez. Segui Pedro, e de longe, occulto atraz de uma sarça o observei.

Chegou effectivamente a uma pequena courela de legumes; enterrou a enxada; mas pouco depois voltando-se, ainda que sempre com a mão encostada á extremidade do cabo, começou a olhar para uma certa casinha, cujo tecto fumegava a alguns passos abaixo d'elle, tendo uma das janellas enramada toda por um rosal florido.

Era unicamente para esta janella que pareciam voltados os olhos do pescador. Atravez d'aquella trémula cortina de verdura, divisei uma sombra de mulher.

Ficou Pedro Aubert immovel como uma estatua até ao cerrar da noite, até que a primeira estrella scintillasse no ceo.

Depois, com a enxada ás costas retomou a passos vagarosos o caminho da aldeia.

No momento em que, por assim dizer, se havia despregado do meio do campo, ouvíra distinctamente o suspiro magoado de um coração sem esperança!

IV

Quando eu saía da missa, na manhã seguinte, vi Pedro Aubert á porta da egreja.

Por uma das mãos tinha as duas crianças; a outra, molhada n'agua benta, estava estendida para uma dama que vinha a sair.

Juro-vos que era amavel e bonita mulher; rosto de excessiva brancura, ainda que mostrava ser uma simples burgueza; olhos negros, modestamente baixos, sorriso angelico; e com quanto parecesse de trinta annos, conservava ainda o caracteristico do primeiro estado.

Quando os dedos se tocaram, houve um reciproco estremecimento, e um sorriso mutuo.

Não sería esta a sombra que eu víra na vespera á tarde atravez do rosal?...

V

Alguns minutos depois já não tinha que duvidar. N'este dia a maré era cedo, e os pescadores apresentaram-se todos para ir aos bateis.

Pedro Aubert foi o primeiro a partir; mas seguindo o caminho mais longo, passou diante da casinha do rosal.

Caiu-lhe uma flor aos pés. Levantou-a, escondeu-a no cinto, e como um ladrão que rouba um thesouro, fugiu.

(Continúa)

UM NOIVADO NA NORUEGA

O reino da Noruega fica ao norte da Europa, na parte mais occidental da antiga Scandinavia.

Desde o seculo X teve rei proprio, até que, em 1397, foi reunido á Dinamarca, quando subiu ao throno d'esta monarchia a princeza Margarida, filha de Waldemar III. Em 1814, por motivo dos acontecimentos politicos que abalaram toda a Europa n'aquella epocha, foi a Dinamarca obrigada a cedel-o á Suecia. Não quizeram, a principio, os estados da Noruega reconhecer esta successão; proclamaram unanimemente a sua independencia, elegendo para rei o principe Christiano de Dinamarca, a esse tempo governador da Noruega. Marchou contra elles o principe real da Suecia, Carlos XIV, com um poderoso exercito, e conseguiu dos norueguezes uma convenção n'estes termos: que a Noruega formaria um reino livre e independente, sob a soberania constitucional do rei da Suecia, o qual exerceria o poder executivo, nomeando todos os empregados civis e militares, e que o poder legislativo seria conferido a uma assembléa de representantes da nação.

O clima da Noruega é geralmente frio, e o terreno quasi todo montanhoso, cheio de lagos, golphos, rios, bosques e charnecas, pouco fertil, posto que tenha pasto para os rebanhos em que abunda. São, porém, mui ricas as suas minas, principalmente de cobre e ferro, o melhor que se conhece. Tem mattas que produzem excellentes madeiras de construcção.

Os dois reinos unidos da Suecia e Noruega occupam uma superficie de 748:427 kilometros quadrados. População 3.880:000 almas. Exercito 45:000 homens. A religião dominante é a lutherana.

Os norueguezes, descendentes dos godos e dos normandos, são mui sobrios, honrados, e laboriosos. Como todos os povos montanhezes, supportam os trabalhos mais improbos, resistindo aos rigores do seu clima, onde o inverno dura nove mezes, e o verão, ainda que passageiro, é abrazador.

São mui sociaveis e dados á musica, amigos de atavios, trajando nas suas festas calção e meia; as mulheres enfeitam-se com esmero e donaire, como tudo se vê da nossa estampa, que representa a principal festa de familia, um noivado.

No primeiro plano do quadro estão os noivos com grande sequito, vendo-se proximo a elles um velho e alentado camponez, que pelos modos parece ser o pae da noiva, acompanhado de outras filhas solteiras, uma das quaes está symbolicamente chuchando no dedo.

Este desenho foi copiado do natural, por Fiedeman, pintor norueguez.

OS PORTUGUEZES NA CHINA

II

(Vid. pag. 14)

No capitulo passado fica já referido como Fernão Peres d'Andrade, não podendo obter audiencia do imperador da China, pelas delongas que n'isso houve, regressára a Portugal, deixando em Cantão um embaixador para ajustar as pazes com o soberano do celeste imperio, segundo as instrucções que levava del-rei D. Manuel.

Saibamos agora quem era este embaixador, e qual foi o exito da negociação. Antes de se despedir dos governadores de Cantao, Fernão Peres fez-lhes uma falla, cuja substancia é esta:—Que el-rei D. Manuel, que reinava no poente da terra chamada Portugal, descobríra muitas terras e regiões até suas armadas irem ter a Malaca. Sendo sabedor por um seu capitão chamado Affonso de Albuquerque, que tomára aquella cidade de Malaca aos moiros, como ao tempo que houvera esta victoria achára alli alguns juncos da China, aos quaes vingára das injurias que lhes fizera o rei d'aquella cidade; vendo na communicação que teve com elles, ser gente nobre, politica, douta em todo o genero de sciencia, e que se não



Noivado na Noruega

tratava pelo modo barbaro das outras nações da India, por esta razão, desejando seu rei e senhor ter conhecimento e amizade com tamanho principe como era el-rei da China, mandára armar alguns navios a elle Fernão Peres seu capitão, para trazer o embaixador com cartas e presente que alli vinha. Que tanto o embaixador como o presente, el-rei de Portugal mandava que fosse entregue aos governadores de Cantão, que por meio d'elles podia ser encaminhado á corte onde estava o imperador; e elle Fernão Peres se tornasse para Malaca, e no seguinte anno lá voltaria outro capitão para trazer o dito embaixador.

Ouvindo este recado, responderam os governadores de Cantão a Fernão Peres com muitas palavras de contentamento que tinham de sua vinda, e que sabiam que tambem o havia de ter el-rei da China, pela boa fama que n'aquellas partes havia dos portuguezes e do seu rei. E quanto ao embaixador, que logo se daria aviamento para ser agasalhado em terra, e alli esperar as ordens da corte de Pekin. Que se elle capitão entretanto quizesse alguma coisa da cidade, ou se trazia mercadoria para fazer commutações com as da terra, o podia mui bem fazer; mas isto seria depois que o embaixador estivesse em terra.

Fernão Peres, assim por esta resposta, como pelos recados que depois houve entre elles, ordenou pôr em terra o embaixador com as pessoas que haviam de ficar com elle, e mais o presente que levava.

Chamava-se o embaixador Thomé Pires, nomeado na India para este cargo pelo governador Lopo Soares de Albergaria. Este homem (diz João de Barros) posto que não era de tanta qualidade, por ser boticario, e servir na India de escolher as drogas de botica que vinham para o reino, para aquelle negocio

era o mais habil e apto que podia ser; porque além de ter pessoa, e natural discrição com letras, segundo sua faculdade, ser largo de condição e aprazivel em negociar, era mui curioso de inquirir e saber as coisas, e tinha um espirito vivo para tudo.

No dia da partida de Fernão Peres desembarcou este embaixador com grande estrondo de artilheria e trombetas, e toda a gente vestida de festa. Elle e sete portuguezes que ficavam em sua companhia, foram levados, com grande pompa, ao seu aposentamento n'umas casas das mais nobres que havia na cidade, sendo logo visitado pelos principaes da terra, ordenando-lhe os regedores certa quantia para seu mantimento, segundo o uso que os chins tem com os embaixadores.

N'esta cidade se demorou Thomé Pires alguns mezes, porque o imperador por vezes mandou recados aos governadores de Cantão perguntando miudamente a causa da ida dos portuguezes ao seu imperio. Finalmente resolveu-se a receber a embaixada. A quinze de janeiro de 1520 partiu o nosso embaixador para Pekin, levando tres navios de remo á maneira de fustas embandeiradas a nosso modo, e com toldos de seda.

Fez Thomé Pires a viagem sempre por agua e com aquella pompa até Nankin, aonde estava o imperador. Mas este lhe mandou dizer que o fosse esperar a Pekin que lá o despacharia. A esta corte aportou Thomé Pires em janeiro de 1521. Chegado pouco depois o imperador, quiz logo intender no despacho do embaixador portuguez; mas cartas que recebeu contra nós dos governadores de Cantão, dizendo que os portuguezes iam espiar a terra com titulo de mercadores, para depois virem ás armas, o desviaram d'este proposito. Antes de dar audiencia a Thomé Pires, mandou-lhe que entregasse as cartas que levava para elle del-rei de Portugal, e que depois responderia ao mais que tivesse a dizer. Teve o nosso enviado o desaccordo de entregar as cartas, de que resultou darem-n'as a traduzir a interpretes venaes, que alteraram contra nós tudo quanto ellas diziam; á vista do que, mandou o imperador dizer a Thomé Pires que não se atrevesse a ir ao paço.

N'este tempo, estando o nosso embaixador perplexo sobre o que havia de fazer, adoeceu o imperador, fallecendo d'alli a tres mezes. O novo soberano tomou conhecimento do negocio, que sendo posto em conselho, a maioria dos votos foi que morresse o *espia* e todos que o acompanhavam. Mas o imperador não conveiu em tal, limitando-se a ordenar que o embaixador se tornasse a Cantão com o presente que levava, e os governadores o tivessem em custodia até que o capitão portuguez de Malaca restituisse esta cidade ao seu antigo rei, e tanto que se fizesse esta restituição, o embaixador seria solto com sua gente, e expedido sem escandalo. Se porém não desistissemos de Malaca, o embaixador seria julgado por justiça segundo as leis d'aquelle reino.

Com este despacho foi Thomé Pires trazido a Cantão bem escoltado.

Succedeu ter chegado ao mesmo tempo Simão de Andrade, com uma armada de Portugal, ao porto de Tamão, e havendo ahi um levantamento contra os portuguezes, os nossos tiveram de pelejar com os chins, fazendo-lhes muitas mortes e muito estrago nos juncos.

Sabendo d'isto os governadores de Cantão, metteram a Thomé Pires n'uma cadeia, onde morreu, roubando-lhe o presente que levava para o imperador, e mais o seguinte: vinte quintaes de ruibarbo; mil e seiscentas peças de damasco, setim, e outros generos de seda a que chamam xopas; tres arrobas de almiscar em pó e tres mil e tantas em papos; quatro mil e quinhentos taeis de prata por lavrar; oitenta taeis de oiro; muitas peças ricas de grande estima, com outra muita fazenda que levava da India.

Tal foi o desastroso mallogro da nossa primeira embaixada ao imperio da China.

SETUBAL

ADEREÇOS DE MULHER ACHADOS NAS ESCAVAÇÕES DE TROYA

As sete peças que hoje damos em gravura, pertencem ao variado numero dos adereços que usavam as damas romanas, as quaes não cediam, em adornos e arrebiques, a nenhuma nação onde imperasse o luxo, onde a mulher tivesse liberdade para realçar a belleza natural com os artificios ou caprichos da moda.

Nos começos de Roma vestiam-se as mulheres com muita simplicidade; unicamente uma tunica cingida, e um véo que lhe encobria o rosto, quando saíam á rua, que era raras vezes. Pouco depois vieram a usar de tres e quatro tunicas, para alargar a roda, ou fazer balão como hoje se diria; mas a lei das doze taboas foi-lhes á mão, ou antes ao fato, prohibindo com graves penas este excesso. Quando, porém, as riquezas, e com ellas o luxo, entraram em Roma, os enfeites e atavios foram o principal empenho das damas e matronas, a tal ponto, que Tito Livio diz chamar-se ao toucador, *mundus muliebris* (mundo da mulher).

Como as damas de hoje, as romanas frizavam e encaracolavam o cabello com ferro quente; usavam de marrafas e crescentes, de banhas e pomadas dos seus Barons e Godefroys. Tinham alfinetes de toucar, e punham no penteado perolas, diamantes e flores; não usavam de touca, mas de uma coifa a que chamavam mitra. Em logar de pente, seguravam as tranças com fios de oiro, ou redes mui subtis, e tambem com alfinetes e agulhas mui compridas.

No tempo de Plauto punham ellas côr na cara e nos beiços, e para embranquecerem a pelle, em logar dos pós de arroz que hoje usam as nossas, barravam-se as de Roma com alvaiade ou cré. Tambem tingiam de preto as sobrancelhas, e até as pestanas; o uso dos signaes ou moscas no rosto é do tempo de Marcial. Este poeta satyrico nos diz tambem, que o uso dos dentes postiços era mui vulgar entre homens e mulheres; tambem tingiam o cabello, e não só as velhas para escurecer os brancos, mas tambem as moças para lhe darem a côr que melhor fosse ao parecer.

Egualmente usavam de brincos e argolas, tres e quatro em cada orelha, de gargantilhas, collares, braceletes de oiro, perolas, diamantes e camafeus.

Os museus e gabinetes de antiguidades estão cheios d'estes adereços feminis, tirados das escavações, mormente de Pompeia e Herculano. O museu real de Napoles possue muitas preciosidades d'este genero. Os que representa a nossa gravura foram achados nas escavações da antiga Cetobriga, defronte de Setubal, e nol-os facultou para desenhar o douto antiquario, nosso collaborador, o sr. M. da Gama Xaro.

No principio d'este seculo, um critico allemão, Böttiger, publicou uma obra mui curiosa intitulada: *A manhã de uma dama romana*, da qual o nosso amigo e antigo chefe, o sr. dr. J. F. de Castilho, fez o seguinte extracto no amplo e erudito estudo sobre os *Amores de Ovidio*, que denominou *Grinalda Ovidiana*, e serve de commentario á inimitavel paraphrase dos *Amores* do mesmo poeta, feita por seu irmão e nosso mestre, o sr. A. F. de Castilho. [1]

[1] Este precioso vol. de 784 pag. vende-se em Lisboa, nas lojas do costume, por 4$500 réis.

«De noite punham no rosto as janotas ou guapas romanas, para lhe conservarem a frescura, uma cataplasma de migas de pão ensopadas em leite de egua [1]; as escravas, incumbidas dos pormenores do toucador, passavam horas esquecidas a caiar e pintar o rosto da senhora, e a suavisarem-lhe a pelle; punham-lhe os dentes que faltavam; tingiam-lhe de loiro ou preto as sobrancelhas e os cabellos, segundo a moda; adaptavam-lhe uma cabelleira ou crescente de além-Rheno, tirado da cabeça de uma mulher sicambra. Occupa-se uma escrava a encaracolar os anneis dos cabellos, outra a perfumal-os, a terceira a adornal-os com flores ou longos alfinetes; mas pobres d'ellas, se a senhora, mirando-se ao espelho de prata polida, acha que dissimularam mal os seus defeitos, ou não fizeram sobresair bastante as suas bellezas! Não só a fidalga as arranha e morde, mas tem á mão um comprido alfinete, com que espicaça o seio nu da escrava inhabil; ás vezes até ordena ao escravo incumbido dos castigos (*lorarius*) que suspenda pelos cabellos a culpada, e a fustigue até a senhora enfurecida dizer: Basta!

Em fim, eis-ahi a janota romana penteada, untada e apomada; tem as unhas cortadas; acaba de lavar no leite as mãos, e de limpal-as aos cabellos loiros de um escravo moço; traja o vestido de matrona, de fazenda de lã branca bordada, de franjas de oiro e de purpura. Cobrem-n'a de perolas e pedras preciosas, despojos das rainhas estrangeiras; o que faz dizer que só uma mulher traz sobre si um patrimonio. Cada um dos dedos (excepto o do meio) váe carregado de anneis, que variam segundo a estação, com pedras gravadas pelos mais celebres artistas. Embrulha-se, em fim, no seu manto, e lá váe, levada n'uma liteira por oito robustos escravos, que ella mesma escolheu no mercado; dois andarilhos a precedem correndo; duas escravas moças vão ao seu lado, levando pára-soes de cauda de pavão, e no encalço dois rapazes com cochins.»

O nosso mimoso classico Bernardes, no t. I das suas *Florestas*, mostra-se mais bem informado das garridices feminis que o proprio Böttiger. Eis o que elle diz:

«Quanto é necessario de tempo, de estudo, de cuidado, de despeza, de trabalho e afflicção de espirito, para se pôr á vela uma d'estas naus? Bem lhe chamei nau, porque já lá Plauto disse: «A nau e a mulher nunca se dão por bastantemente esquipadas.» E concorda o adagio de Terencio: «Mulheres, em quanto se apercebem, em quanto se enfeitam, lá váe o anno.»

Os romanos, antigamente, vendo que por opulentos que fossem os paes e maridos, não havia panno para tão largo cortar (porque n'ellas o seu giz e tesoira é o appetite), sairam com a lei Oppia, sendo consules Q. Fabio, e T. Sempronio, assim chamada de C. Oppio, seu instituidor, em que mandavam moderar estes excessivos gastos. Porém, tal foi a impaciencia com que as matronas reclamaram, tal o motim que levantaram ao redor do palacio dos Brutos, que d'alli a poucos annos já a pragmatica estava antiquada.

No capitulo terceiro de Isaias, está lançado um bastante aranzel, ou rol d'estas galas e adereços femininos. Porque, indignado Deus de tanta vaidade e luxo, ameaça castigal-o com terriveis demonstrações: e por principio d'ellas, diz que ha de deitar abaixo as fivelas e topes do calçado, as luas, os collares, as gargantilhas ou afogadores, os braceletes, as mitras [1], os pentes e fitas que servem de apartar e apertar as tranças, os fraldelins [2], os cordões de oiro, as pomas [3] e frasquinhos de agua de cheiro, as arrecadas e chuveiros [4], os anneis e memorias, as joias de pedraria preciosa pendentes sobre a testa, as galas de festa, os capotilhos [5], os volantes e velilhos [6], as espadinhas [7], os espelhos, as toucas, os listões, rendas, faxas, e os mantos finos.

Porém n'este rol não está a centesima parte do apparelho que pede esta grande nau para velejar, vento em popa, nas cerúleas planicies do applauso publico. E mais é de advertir, que o propheta falla das mulheres que andam em seus pés, que as que andam nos alheios necessitam de muito mais enxarcia, enfrexadura e amantilhos; de muito mais flamulas e galhardetes, de muito mais grinaldas e pharóes, e de melhores pavezes a um e outro bordo. E a maravilha é, que quanto a nau váe mais carregada, mais lévesinha váe; porque a mais carga lhe faz ganhar vento.

Tenho reparado em que os latinos, a este ornato e adereço da mulher, chamaram mundo, *mundus muliebris*; e quer parecer-me que este nome não só quadra ao seu significado, em quanto quer dizer limpeza, senão em quanto quer tambem dizer o mesmo mundo; porque de todo o mundo leva esta nau generos, e todo o mundo é necessario concorrer para ornar uma mulher. Por onde S. Gregorio achou, com verdade, que a creatura humana era todo o mundo, por quanto, com umas creaturas convem no ser, com outras no sentir, e com outras no entender. Participando tambem o ornato de uma mulher de cada região do mundo alguma coisa, com razão e verdade se chama este ornato mundo. Vejamol-o mais em particular.

Dos reinos do Decão e Bisnagar e de Golconda, na India oriental, leva esta diamantes; da Bactria, Scythia e Egypto, esmeraldas; dos reinos de Pegú e da cidade de Calecut e da ilha de Ceilão, saphiras; do seio persico entre Ormuz e o Bassorá, de Sumatra, ou Taprobana, da ilha Borneo, e em Europa de Escocia, Silesia e Bohemia, leva perolas; do porto de Julfar, na Persia, leva aljofar (que d'ahi se derivou este nome); da cidade de Syene no Egypto superior, e do mar Thyrreno, leva coraes, que, se se desterraram dos rosarios e braceletes, ainda se admittem em brinquinhos e veronicas; dos campos de Pisa e dos montes Alpes, leva cristaes; do mar de Suevia e de Lubeca, leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Faetonte, choradas solemnemente cada anno pela sua desgraça; dos reinos de Monomotapa e Sofala na Cafraria, e da região de S. Paulo na nossa America, leva oiro; do cerro do Potosí, nas conquistas del-rei catholico, leva prata; de Allemanha, os camafeus; de Moscou as zebelinas e martas; do Palatinado as mais aperfeiçoadas; de Helvecia, região dos suisaros, os arminhos; do Brasil, os saguins para manguitos, e os coquilhos para contas; da cidade de Tyro, a purpura; da serra da Arabida, a grã; de Portugal e Castella, a côr; de Veneza e Hollanda os espelhos; de Provença e de Roma, as pomadas para fazer as mãos macias e cheirosas; de Cordova e Hungria, ao menos as receitas para as aguas adoriferas d'estes nomes; das Indias de Castella, a almeia [8] e oleo d'ella para as mãos; de Tunquem o almiscar; do Mara-

[1] Plinio e Juvenal dizem que estas papas eram feitas com leite de burra, a que se attribuia a propriedade de amaciar a pelle. N'este mesmo leite costumavam as romanas opulentas tomar banho, e o mesmo historiador nos diz, que para o banho da mulher de Nero se mungiam quinhentas burras! Ignorâmos o motivo porque o sabio allemão transformou estas jumentas em eguas. Vid. a *Storia Universale* de Cantù — v Epócha.

[1] Toucado penteagudo, de que usavam homens e mulheres, antigamente.

[2] Ligas de borlas.

[3] Redomas.

[4] Brincos para as orelhas, de brilhantes pendentes, como os que hoje chamâmos pingos d'agua.

[5] Mantilhas que desciam da cabeça aos hombros.

[6] Filó.

[7] Agulhas compridas de segurar as tranças, com punho como de espada, ou figurando settas, punhaes, etc.

[8] Tomilho, arbusto mui aromatico.

nhão e Ceará, o ambar; de Angola, de Guiné e Cabo Verde, a algalia; das nossas Indias o calambuco e aguila [1], os canequins [2], e panninhos de coco, e os toribios [3]; da Africa, as pennas dos avestruzes para os cocares de plumas; da China, os lós, os leques, e as chitas; de Flandres, as rendas; da cidade de Cambray, as teias finissimas e candissimas que tem este nome; de Guimarães, as linhas; de Leão de França, as primaveras [4]; de Modaba, na Persia, e de Italia, as telas; da mesma Italia, os damascos; de Florença, e Genova, e Napoles, os chamelotes [5]; de França, as luvas, os signaes para o rosto, e tambem os leques, uns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de inverno: de Inglaterra, as meias, fitas e reloginhos de algibeira; da Arabia, a gomma que tambem serve officio n'este mundo; da Batalha, os azeviches para dar figas aos maus olhos.

Que mais? É necessario que concorra tambem o mar, não só com as ostras que se esbulem das perolas, senão tambem com as tartarugas que desarmem as costas para pentes e cofrinhos, e com as balêas que empenhem as barbas para sair um justilho, ou prepoem [6], bem desarrugado; são necessarias de varias partes varios materiaes para bocetas, escriptorinhos, bahús, guarda-roupas para recolher nos camarins e escaparates este mundo abbreviado; são necessarios vidrinhos e garrafinhas, redomas e bocetas, curiosa e ricamente forradas, para toda a pharmacoplea [7] de ingredientes liquidos e seccos, simples e confeccionados, que servem de estender o dia da formosura, quando já vem caindo as sombras dos altos montes da annosidade, e de dizer em casa ao desengano, que mente!

Que mais? São necessarias até as nuvens do ceo para a primeira agua de maio, que opiniam fazia o carão [8] lustroso; são necessarios até os mortos para as cabelleiras, se as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de seda.

Dizei-lhe agora a Caio Oppio que chegue a bordo d'esta nau com a sua pragmatica [9], verá com que salva de artilheria o recebe! Dizei ás rendas do morgado mais atlante que sustentem este mundo!

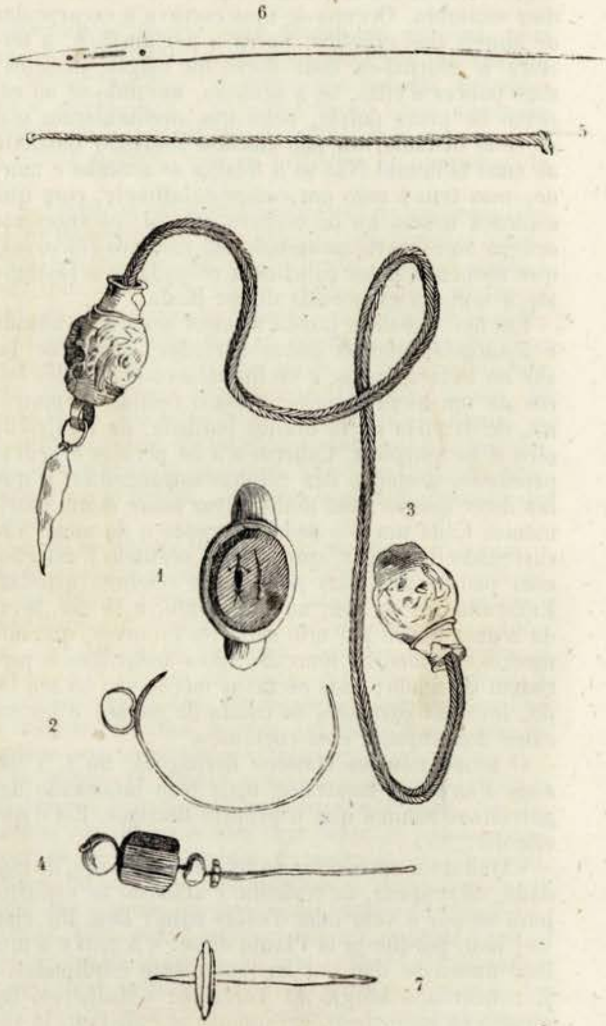
A mulher prudente, sisuda, e amiga de sua casa, é comparada por Salomão á nau mercantil, porém nau que de longe traz pão. Mas a mulher vã, e amiga de enfeites e galas, é nau que de longe traz a fome, porque em todas as partes do mundo faz desembolços.

Para que é necessario a uma mulher todo este mundo? Para parecer formosa. Concedamos-lhe que o parece; e ainda mais, que o é; que não é pouco barato, pois sabemos com S. Gregorio Nazianzeno, que aquillo não é rosto senão mascara; bem sabemos com Propercio, que d'aquellas formosuras se mercam nas lojas e boticas, e talvez para deitar a perder a natural; e com Ovidio, que o menos que ha alli n'aquelle composto é a mesma pessoa, porque quasi se sumiu entre tantos atavios sobrepostos. Que tira ella, em fim, de ser ou parecer formosa? Vaidade. Não mais nada. Tira tambem enfermidades do corpo, perigo da alma, enfados, murmurações; e depois, tanto em penas do outro mundo quanto este lhe deu em glorias; com esta differença, entre outras muitas, que as glorias foram falsas, e as penas serão verdadeiras. »

[1] Madeiras mui cheirosas.
[2] Cassas da India.
[3] Contas de cristal feitas na India.
[4] Sedas bordadas de matiz.
[5] Seda ondeada ou achamalotada.
[6] Collete de barbas.
[7] Boticada.
[8] A tez, ou flor da pelle.
[9] Á similhança d'esta pragmatica romana, ou lei sumptuaria se, promulgaram entre nós muitas contra o luxo, sendo a ultima feita pelo marquez de Pombal em 1749, mas nunca se conseguiu a sua completa observancia.

Á vista de tão bem provido e esplendido toucador, como este que nos descreve Bernardes, qual é o que a faz a « *manhã de uma dama romana* » escripta pelo allemão Böttiger, um seculo depois?

Aqui estão agora as sete peças de adereço das matronas romanas, achadas nas escavações de Cetobriga. Foram escrupulosamente desenhadas pelo sr. Nogueira da Silva.



1 annel de oiro com pedra verde esmaltada — 2 brinco de orelha — 3 cordão de toucar — 4 agulha ou alfinete de toucar *(acus crinales)* de oiro — 5 dita de bronze — 6 e 7 ditas de marfim.

A ESTRADA DE SANTIAGO

A que nós chamâmos no firmamento *estrada de Santiago*, os latinos *via lactea*, e os gregos *galaxias*, é aquella zona ou faxa que vemos rodear o ceo, e apparecer de noite, da côr como de algodão raro, ou leite derramado (d'onde teve o dito nome, porque *gala* quer dizer leite); antigamente deu muito em que entender aos philosophos averiguar o que era, e até Aristoletes, por mais que alguns o desculpem, fallou (como diz Jeronymo Vidal) puerilmente no ponto, dizendo que eram um aggregado de exhalações accesas.

Hoje já consta que não é outra coisa mais que uma innumeravel multidão de estrellinhas juntas, que misturam a sua luz umas com outras; assim como uma amendoeira florida, vista de longe, parece um só ramalhete alvejando.

PADRE MANUEL BERNARDES